

Sudão

Getty Images



Para acomodar interesses variados e na tentativa de reduzir os conflitos em seu território, o maior país do continente africano foi dividido em dois

por Raphael Tsavkko Garcia

COM MAIS DE 90% dos votos a favor da separação, em um referendo patrocinado pela Organização das Nações Unidas (ONU), espera-se, para os próximos meses, a declaração formal de independência do Sudão do Sul, o mais novo país do mundo. Ele terá 8 milhões de habitantes, 21% da população do Sudão original, até o referendo, e enormes dificuldades de administração. Apesar de ser rico em petróleo, o Sudão é pobre e a região sul, muito mais. Faltam água e comida para 75% da população sulista, e o analfabetismo passa dos 80%, de acordo com a ONU.

O referendo, realizado em janeiro, obedeceu ao Tratado de Naivasha, de

2005. A partir daí, o Conselho de Segurança da ONU designou uma equipe para organizar o pleito em colaboração com o governo do Sudão e com o rebelde Exército Popular de Libertação do Sudão (EPLS).

Na prática, o país já estava dividido antes do referendo. Em conflito armado há 21 anos, os dois pedaços do país têm vida própria - cobram impostos em separado e tomam decisões de governo de forma independente.

Oficialmente, o tratado pôs fim à guerra civil de 2005, que teria causado a morte de pelo menos 2 milhões de pessoas. Mas os confrontos são constantes,

até porque não se resumem aos choques entre o EPLS e o governo.

O desenvolvimento precário do país - o maior da África, com 2,5 milhões de quilômetros quadrados, cerca de um terço do território brasileiro —, durante tantos anos, propiciou conflitos persistentes entre diferentes segmentos da população, em torno do acesso aos recursos básicos, como água, terra, estradas, entre outros. Foram condições desse tipo que serviram de pano de fundo para o chamado genocídio de Darfur, entre 2003 e 2006.

O presidente do Sudão, Omar Al-Bashir, foi responsabilizado pelas mortes: mais de 300 mil, de acordo com algumas organizações de direitos humanos. Depois foi acusado de diversos crimes — inclusive genocídio — e condenado pelo Tribunal Penal Internacional, em março de 2009. Em princípio, Bashir poderia ser preso pela polícia de qualquer país signatário do tribunal.

Na prática, ele tem viajado incólume pela África. O motivo, segundo os governos que lhe deram guarida, é que nem todos os países aceitam a jurisdição do tribunal (os EUA, por exemplo, não se submetem a ele). Causou grande repercussão, em especial, a visita de Bashir ao Chade, em julho de 2010. A divisão do Sudão, de acordo com o Conselho de Segurança da ONU, justifica-se pelo direito à autodeterminação dos povos. Mas, independentemente do mérito desse argumento, há muitos outros interesses envolvidos, especialmente os externos — relacionados com o petróleo.

O Sudão é o quinto maior produtor de petróleo da África e mais de 90% de sua renda externa vem da exportação das *commodities*; 75% de suas reservas estão no sul, de acordo com dados do governo americano publicados em 2010.

Do ponto de vista diplomático, o referendo mudou a situação que prevalecia anteriormente na região, quando os grandes países do norte da África declararam interesse em manter as fronteiras estabelecidas pelo processo de descolonização. Esse acordo foi assinado em 1963 pelos membros da ex-Organização dos Estados Africanos (atual União Africana, copatrocinadora do referendo sudanês).

Em vista disso, diversos países, dentro da ONU, levantaram objeções à divisão do Sudão. No Conselho de Segurança, Rússia e China também tinham reservas em relação à medida, embora não a tenham vetado. A Rússia, posteriormente, enviou observadores para fiscalizar o processo eleitoral.

Até aceitar o referendo, o Egito defendeu a formação de uma confederação entre o Sudão e o futuro Sudão do Sul, como forma de eliminar os conflitos. Fez essa proposta nos primeiros estágios do debate, em 2005. Egito e Sudão foram um só país, no século 19. Mas a tese egípcia nem chegou a ser discutida. Depois disso, o governo egípcio passou a investir pesado no país vizinho.

Os investimentos se concentram na indústria e em serviços, em especial no setor imobiliário. Em 2010, apenas, as aplicações chegaram à casa dos 2,5 bilhões de dólares, transformando o Egito no terceiro maior país investidor no Sudão. Uma parte considerável desses investimentos foi para a região separatista, de acordo com Arnira Saleh, do diário independente egípcio *Al-Masry Al-Youm*.

O objetivo foi garantir bons contratos com o futuro país independente, segundo afirma o especialista Mohamed El Gohary, do Global Voices Online. Ele lembra, no entanto, as reiteradas declarações de Hosni Mubarak — presidente do Egito até fevereiro passado — de que o Sudão deveria permanecer unido.

A insistência do Egito nessa tese da união aparece em um telegrama diplomático divulgado pela organização WikiLeaks. Pela data, outubro de 2009, o texto sugere que Mubarak manteve a posição até a véspera do referendo. Ele teria pedido aos E U A que "educasse" as lideranças do sul sobre o perigo da separação.

Outro país que se opôs ao referendo desde o princípio foi o Irã, sob a alegação de que o voto era do interesse apenas dos E U A e da Europa. Segundo a diplomacia iraniana, Bashir foi condenado como meio de isolar o Sudão internacionalmente, e, com isso, forçar o presidente a aceitar a votação.

Seja como for, há muitas dúvidas sobre o "depois" do referendo: como se dará a retirada das tropas nortistas do sul? Como se dará a integração dos guerrilheiros do sul num exército a ser formado no futuro? Como será reconstruída a infraestrutura do país nascente?

Essas perguntas são ainda mais importantes porque o entendimento existente na O N U é de que toda a África poderia seguir o modelo de solução adotado no Sudão. Nesse caso, o referendo pode incentivar grupos que lutam pela independência. Dois exemplos muito citados são os grupos separatistas de Cabinda, em Angola, e os guerrilheiros do Delta do Níger, na Nigéria. Esse risco

não parece preocupar os E U A, a União Europeia e a ONU.

Como não parecem incomodar grandes empresas, como a malaia Patronas e a sueca Lundin - só para dar dois exemplos de intromissão privada no país. Ambas foram acusadas, em 2010, de ajudar Bashir a cometer crimes de guerra contra a população local. Em relação ao próprio Sudão, muitos especialistas apontam que o conflito mais importante, na região de Abyei, ficou, de fato, de fora do plebiscito. Localizada no centro-sul do país, Abyei detém a maior parte das reservas de petróleo e das instalações da indústria petrolífera. A região abriga os dinkas, o grupo étnico mais numeroso do país, com cerca de 3 milhões de pessoas, ocupadas, em grande parte, em negócios urbanos. Mas Abyei

também é considerada parte do território econômico dos misseriyas - são pecuaristas tradicionais que, normalmente, têm residência ao norte, mas migram todos os anos para áreas de pastagem em Abyei, quando as do norte estão em estiagem. O cronograma eleitoral previa a realização de um referendo em separado para Abyei, mais ou menos na mesma época em que o referendo geral foi realizado. Isso não aconteceu, apesar das muitas negociações ocorridas até o início deste ano.

Não está claro como o sul e o norte vão administrar os respectivos territórios no caso de Abyei. O fato de os conflitos terem voltado a pipocar, depois do referendo, indica que a independência formal do sul pode não conduzir à estabilidade política entre os sudaneses.

POVOS PARTIDOS

Os sudaneses representam a unificação desordenada de centenas de etnias num território colonial

O sul do Sudão é um amálgama de etnias e línguas de origem africana. Do ponto de vista da religião, predominam o cristianismo e as religiões tradicionais. O norte, em comparação, é majoritariamente árabe e muçulmano. Pelo menos um terço dos 40 milhões de habitantes do país é animista. As etnias mais numerosas são os dinkas, com 3 milhões de pessoas, depois os nuers e os zandes, com cerca de 700 mil pessoas cada uma. Os etnólogos dizem que há mais de 500 etnias, que falam 133 línguas ou dialetos. Quase 20 milhões de sudaneses fariam o árabe. A rigor, o Sudão está em conflito interno desde a independência da Inglaterra, em 1956. As duas guerras civis mais intensas foram as de 1955-72 e 1983-2005. O grupo de guerrilha mais conhecido é o do norte, cujos integrantes são genericamente apelidados de janjawids. No sul, a tensão é mais diversificada porque, além de disputas territoriais, há a luta contra o racismo.

